

4ª Parte

Prosa de Ficção

O P A S S A G E I R O

*Mário Miranda Filho*²⁷

Nos anos setenta não havia dificuldade de encontrar emprego em São Paulo. Na verdade, havia quase pleno emprego, um sonho acalentado pelo Capitalismo. Não havia ainda a globalização com a criminosa política de explorar trabalhadores desassistidos pelo mundo afora. Tanto que, o cearense Carlos Altamirando, ao chegar à cidade e procurar emprego, logo o encontrou. Emprego temporário intermediado por uma agência, no outro lado da cidade, na Lapa. De qualquer modo era vantajoso.

Fazia um frio de rachar e a jornada de trabalho era noturna; das 18 às 6 horas. Toda a noite, com ligeira pausa por volta da meia-noite, ocasião em que era servida a cerca de meia dúzia de trabalhadores do escritório, depois de descongelada, aquela comida pronta que vinha em embalagem de alumínio. O trabalho continuava sem descanso. Emitir notas fiscais, cuja mercadoria era fertilizante, que era enviada para praticamente todo o Sudeste e o Estado do Paraná. A fila de caminhões que vinham para ser carregados, cujos motoristas somente saíam depois de a nota fiscal estar em suas mãos, não tinha fim. Nunca se enxergava o último caminhão da fila. Um caminhão ia embora após o carregamento e logo entrava outro. Havia muita eficiência dos carregadores e empregados do escritório. Contudo, os veículos eram, na grande maioria, jamantas velhas, barulhentas ensurdecedoras, que concediam ao local o aspecto de campo de operações bélicas.

Às 6 horas em ponto (o paulista é muito pontual) acontecia a troca de turno. Os que chegavam vinham alegres, leves e até perfumados, o que contrastava com o odor nauseabundo de óleo queimado do local. Os que saíam tinham estampado no rosto o sono e o cansaço, mas com a sensação de utilidade, do dever cumprido.

Carlos Altamirando deixa o escritório e segue a pé, à procura de um ponto de ônibus numa movimentadíssima avenida ou rodovia. De repente viu um caminhão tombar logo ali a sua frente e rolar barranco abaixo. Era um veículo carregado de porcos enormes e gordos que iam para abate em um frigorífico da Barra Funda. O motorista escapou ileso, mas a vara apresentava um quadro surrealista: porcos correndo sem um dos membros, alguns exibindo os órgãos internos, outros com a cabeça espatifada, outros ainda a se debelar e muitos procurando subir o barranco que dava

27 Mário Miranda Filho é Promotor de Justiça do Ministério Público do Estado do Ceará, aposentado.

para a rodovia, espavoridos. Tudo isso em meio ao berreiro suíno, ensurdecedor. Uma realidade atordoante, um filme de horror.

De repente surgem policiais militares e ao que parece um perito forense, que falou para algumas pessoas que tudo estava a indicar que o acidente fora ocasionado por culpa do motorista que dormiu ao volante. Contudo, antes da chegada da polícia, várias pessoas, umas sorrateiramente, outras sem o menor pudor, surrupiavam partes dos porcos que se esgoelavam de dor imensa e eram mortos a pauladas e pedradas, inclusive por crianças, e afinal eram carregados nos costados e carroças. Eram pessoas dali mesmo, humildes criaturas que de repente se tornaram infratores. A maior concentração de ladrões por metro quadrado. Carlos Altamirando teve muita pena dos animais. Dos homens teve a sensação de asco, vendo-os como urubus na carniça, embora se apresentassem sadios e dispostos.

Todavia, Carlos teve que sair. O tempo passava rápido. Era chegar a casa e repousar para aguentar outra noite. Na verdade já estava quase a dormir, sonambulando; mas a visão do acidente chegava em ondas violentas à sua mente e o trazia momentaneamente à realidade. Com efeito, começou a chover. Chuva fina mas que encharca. Corre a se abrigar em um prédio ou casa em construção alguns metros adiante. Abriga-se e fica a observar a chuva. Estava bem agasalhado com grosso sobretudo de lã que lhe descia quase aos pés, vestimenta que absorveu gotas d'água que Carlos não percebeu. Por embotamento dos sentidos ou porque a vestimenta amortecia o impacto da pingadeira. A chuva começou de repente e de repente cessou. Chuva de verão, rápida. Abriu-se um sol escaldante. Passou a andar rápido. Divisou adiante, muito longe, o ponto de ônibus e apressou ainda mais o passo que mais parecia uma leve carreira.

Ao chegar à entrada da porta do ônibus notou que havia uma certa confusão entre os passageiros, que na grande maioria eram trabalhadores da construção civil e costureiras, que se dirigiam ao trabalho, e o próprio motorista. Muitas pessoas entravam, mas na vez de Carlos a porta permaneceu semiaberta, não permitindo a sua entrada. A custo percebeu que a sua pessoa, o seu traje, em suma, a sua apresentação calcária era o motivo da confusão. Uma mulher adiposa repetia:

— não entra; um vagabundo não pode se misturar com trabalhadores. Outra, meio gasguita ordenou: — fecha a porta, motorista, é vagabundo mesmo, tá na cara dele. E palavrões e gritos e o motorista indeciso, a abrir e fechar a porta, e mais pessoas, agora num paradoxo:

- entra gritavam umas. Não entra, escandalizavam outras.

Carlos Altamirando custou a entender. Olhou para a sua roupa e notou que o sol secara a água da chuva e o seu sobretudo. O rosto e até a cabeça estavam sujos de cal. Pela primeira vez na vida sentiu comiseração de si mesmo. Tinha a aparência de um símio que teria rolado no barro. Um senhor já de idade, com voz forte e firme, disse, pausadamente: é um rapazinho, é um trabalhador; deixa entrar, motorista. Deixa, deixa, gritavam outros passageiros. Até que enfim Carlos entrou. O ônibus estava lotado. Algumas mulheres evitam olhar ou passar por perto de Carlos. Não todas, mas aquelas que ainda há pouco o xingavam. Em momento algum o rapazinho reagiu. Não tinha coragem nem forças.

Ainda no ônibus, pensava: é isso o que o faz acreditar na humanidade. Uma parte dos passageiros não queria que ele tomasse o transporte, mas outra queria. Achou interessante que a parte que não queria era constituída mais de mulheres e a que queria de pessoas muito maduras ou adolescentes. No fim venceu o bom senso, a voz da razão, o que distingue o homem de um animal.

O ônibus seguia apressado o seu trajeto com aquela carga humana agora muda, concentrada, paralisada. Algumas pessoas tossiam e tinham uma expressão séria no rosto. Não se comunicavam, evitavam umas às outras. Não pareciam humanas, mas máquinas inteligentes que se preparavam para trabalhar. No percurso a lotação de passageiros se renovava. Já na cidade, no final da linha, não reconheceu nenhum dos passageiros do início do seu atordoado trajeto. O trocador tentava acordar um passageiro. Apesar do frio, dobrou o sobretudo e saiu a pé em direção a sua casa, cinco quadras adiante. Ao chegar ao humilde tugúrio, quarto de pensão, tentou dormir. Conseguiu a custo. Sonhou com porcos acidentados, sem cabeças, faltando pernas, sangue em profusão, a escorrer-lhes pelos corpos, o povaréu a se aproveitar da miséria alheia e os passageiros de um ônibus querendo que ele entrasse e outros não. Um sono agitado.

Ao levantar do leito pensou seriamente em retornar para o Ceará, uma viagem bem maior que a de hoje, não efêmera. Pensou bem e resolveu permanecer, porque chegou à conclusão de que a vida não deixa de ser uma viagem. Às vezes sem volta. Podemos ser admitidos ou não como passageiros ao bem-estar e à bem-aventurança. Podemos até ser expulsos sumariamente pela violência reinante nos transportes da vida dos nossos dias. Para chegarmos ao nosso desiderato é preciso que estejamos preparados e

saibamos conviver com quem nos apoia e com quem nos repele na viagem da vida. É necessário, outrossim, que ajudemos os outros a subir no transporte da vida.

À tardinha, Carlos Altamirando parecia estar refeito de tudo. Sente, com alegria, que o episódio tão curto fizera-o amadurecer vários anos. Sente-se adulto. Estava na hora de retornar ao trabalho.